

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**DIMENSÕES DO FUNCIONAMENTO INTERPESSOAL NUMA AMOSTRA NÃO-
FORENSE DE INDIVÍDUOS SEXUALMENTE AGRESSIVOS.**

Ana Raquel Lomba Sá

outubro, 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Joana Patrícia Pereira de Carvalho** (FPCEUP; ULHT).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Aos meus pais...porque o percurso é longo, porque os valores vêm deles, porque sempre me incentivaram. Ao meu pai que (onde quer que esteja) está sempre a olhar por mim. À minha mãe que lutou, e luta, todos os dias, com todas as suas forças para que consigamos alcançar todos os nossos sonhos.

À minha irmã, companheira de todas as “batalhas”...por todo o suporte, apoio, correções, pesquisas e afins...que continuemos a crescer assim.

Ao Pedro, meu companheiro de todas as horas, meu melhor amigo...pelas horas perdidas, pelas idas semanais ao Porto, por estar sempre presente de forma incondicional.

À Professora Doutora Joana Carvalho, por estar sempre disponível, por acompanhar e apoiar todo este processo mesmo estando eu em incumprimento constante de prazos, pelo incentivo e por ter cumprido o papel de orientadora, no real sentido da palavra.

Aos colegas de faculdade, em particular à Nicole, à Cecília e à Susaninha, que estiveram lá desde o primeiro momento, que continuam a estar e estarão para o resto da vida (mesmo que a distância seja impeditiva da presença física, têm um espaço no meu coração)...sem vocês este trajeto teria sido MUITO mais difícil.

Aos restantes familiares e amigos que acreditaram comigo e estiveram presentes em todos os momentos, particularmente os mais complicados.

A todos os professores que cruzaram o meu caminho durante estes anos na FPCEUP e me ajudaram a crescer enquanto pessoa e futura profissional.

Resumo

A sexualidade, em particular a sua vertente mais desviante, tem vindo a ser alvo de estudo por diversos autores ao longo dos anos e, apesar dos comportamentos sexualmente agressivos serem frequentemente associados a uma população condenada, estudos levados a cabo, principalmente em populações universitárias, demonstram que também em amostras não forenses se verificam e perpetuam este tipo de comportamentos desviantes. O presente estudo tinha como objetivo identificar as dimensões do funcionamento interpessoal relacionadas com a adoção de comportamentos sexualmente agressivos numa amostra não-forense. Constituíram a amostra 308 indivíduos do sexo masculino, estudantes do Ensino Superior Português. Foram utilizados os seguintes instrumentos: Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI); a Escala de Vinculação do Adulto (EVA); a Escala de Avaliação de Intimidade na Relação (PAIR); o Inventário de Comportamento Interpessoal (ICI); a Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS); e a Escala de Desejabilidade Social (SDRS-5). Os resultados indicam que, indivíduos que admitem ter adotado algum tipo de comportamento sexualmente agressivo, aparentam ter mais problemas relacionais (menos confiança nos outros, níveis mais elevados de agressividade e hostilidade).

Palavras-chave: Agressão sexual, Fatores Interpessoais, Confiança, Agressividade, Hostilidade.

Abstract

Sexuality, in particular its most deviant component, has been the subject of study by several authors over the years and, despite the sexually aggressive behaviors being often associated with a convicted population, studies conducted mainly in college populations, show that it also occurs in non-forensic samples and perpetuates this type of deviant behavior. The aim of this study was to identify the dimensions of interpersonal functioning related to the adoption of sexually aggressive behavior in a non-forensic sample. The sample is composed by 308 males, college students. The instruments used were: Brief Symptom Inventory (BSI); Adult Attachment Scale-R (AAS-R); Personal Assessment of Intimacy in Relationships (PAIR); Interpersonal Behavior Survey (IBS); Sexually Aggressive Behavior Scale (SABS - adapted version) and Socially Desirable Response Set Measure (SDRS-5). The results indicate that individuals who admit to have adopted some kind of sexually aggressive behavior, appear to have more relationship problems (less trust, higher levels of aggression and hostility).

Key-words: Sexual Aggression, Interpersonal Factors, Trust, Aggressiveness, Hostility.

Résumé

La sexualité, en particulier son hangar plus sournois, viens comme une cible d'étude par plusieurs auteures au cours des années et, malgré la fréquente association des comportements sexuels agressifs à une population condamnée, d'études réalisé, surtout dans les populations universitaires, montrent qu'aussi dans les échantillons non-judiciaires se produisent et perpétuent ce type de comportement agressifs. Cette étude avait l'objectif d'identifier les dimensions du fonctionnement interpersonnel lié à l'adoption d'un comportement sexuel agressif dans un échantillon non-judiciaire. L'échantillon est composé par 308 sujets du sexe masculin étudiants dans des l'Enseignement Supérieur Portugais. Les instruments utilisés ont été les suivants : l'Inventaire se Symptômes Psychopathologiques ; Échelle d'Attachement chez l'Adulte; Échelle d'Evaluation de la Intimité dans les Relations; Inventaire de Comportement Interpersonnel; l'Echelle sexuellement Comportements agressifs; et l'Échelle de désirabilité sociale. Les Résultats montrent que les sujets ont admis l'adoption de certains comportements sexuellement agressifs, montrent avoir plus de problèmes relationnels (moins de confiance dans les autres, niveaux plus élevés d'agressivité et d'hostilité).

Mots-Clés: Agression Sexuelle, Facteurs Interpersonnels Actuels, Confiance, Agressivité, Hostilité.

Índice

| | |
|---|----------|
| Introdução | 1 |
| 1. Agressão sexual | 2 |
| 1.1 Agressão sexual & factores de risco..... | 2 |
| 1.2 Agressão sexual & sociedade..... | 3 |
| 1.3 Agressão sexual & sexualidade..... | 4 |
| 1.4 Agressão sexual & personalidade | 5 |
| 1.5 Agressão sexual & fatores situacionais | 8 |
| 2. Objetivos e Hipóteses | 5 |
| Estudo Empírico | 9 |
| 1. Metodologia | 10 |
| 1.1 Participantes | 10 |
| 1.2 Procedimentos..... | 12 |
| 1.3 Instrumentos | 12 |
| 1.3.1 Questionário Sociodemográfico | 12 |
| 1.3.2 Escala de Desejabilidade Social (SDRS-5)..... | 13 |
| 1.3.3 Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) | 13 |
| 1.3.4 Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR)..... | 14 |
| 1.3.5 Escala de Vinculação do Adulto (EVA) | 14 |
| 1.3.6 Inventário de Comportamentos Interpessoais (ICI)..... | 15 |
| 1.3.7 Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)..... | 16 |
| 1.4 Procedimentos estatísticos | 16 |
| 2. Resultados..... | 17 |
| 2.1 Dados Descritivos | 17 |

| | |
|---|-----------|
| 2.2 Diferenças entre homens que reportam historial de comportamentos sexualmente agressivos e homens sem histórico de comportamentos sexualmente agressivos | 19 |
| 3. Discussão | 22 |
| 3.1 Discussão dos Resultados | 22 |
| 3.2 Limitações | 26 |
| Referências Bibliográficas | 27 |
| Anexos | 35 |
| Anexo A: Consentimento informado..... | 35 |
| Anexo B: Questionário sociodemográfico | 36 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Características Sociodemográficas da amostra | 10 |
| Tabela 2: Resultados SABS, por item | 18 |
| Tabela 3: Diferenças Entre Homens Sexualmente Agressivos e Homens Não Agressivos (PAIR, EVA, ICI, BSI)..... | 21 |

Índice de Abreviaturas

BSI – *Brief Symptom Inventory* (Inventário de Sintomas Psicopatológicos)

EVA – *Adult Attachment Scale-R* (Escala de Vinculação do Adulto)

PAIR – *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* (Escala de Avaliação de Intimidade na Relação)

ICI – *Interpersonal Behavior Survey* (Inventário de Comportamento Interpessoal)

SABS – *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos)

SDRS-5 – *Socially Desirable Response Set Measure* (Escala de Desejabilidade Social)

Introdução

A violência sexual afeta, todos os anos, milhares de pessoas um pouco por todo o mundo, mostrando ser um grave problema de saúde pública (Organização Mundial de Saúde, OMS, 2012), tendo por definição *“qualquer ato sexual, tentativas de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, atos de tráfico ou dirigidos contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa, independente de sua relação com a vítima, em qualquer contexto, porém não limitado à penetração da vulva ou ânus com o pênis, outra parte do corpo ou objeto”* (OMS, 2012). Neste sentido e com o intuito de combater esta problemática de resolução tão premente, mostra-se fundamental estudar as dimensões do funcionamento interpessoal em indivíduos sexualmente agressivos, quer sejam condenados, ou não condenados, da população em geral.

A sexualidade, em particular a sua vertente mais desviante, tem vindo a ser alvo de estudo por diversos autores ao longo dos anos e, apesar dos comportamentos sexualmente agressivos serem frequentemente associados a uma população condenada, estudos levados a cabo, principalmente em populações universitárias, demonstram que também em amostras não forenses se verificam e perpetuam este tipo de comportamentos desviantes.

Autores como Abbey e colaboradores (2006), Carvalho & Nobre (2013), Chang e colaboradores (2015), Koss e Dinero (1988), Malamuth e colaboradores (1991), Tharp e colaboradores (2014), Wheeler e colaboradores (2002), entre outros, têm vindo a desenvolver, desde os anos 80 até ao presente, estudos em amostras forenses e não forenses (principalmente estudantes universitários), de forma tentar determinar que factores (psicológicos, situacionais, psicossociais, entre outros) contribuem para a perpetuação deste tipo de comportamento que põe em causa não só a liberdade como também a saúde das vítimas.

1. Agressão sexual

1.1 Agressão sexual & factores de risco.

São inúmeros os factores de risco e de vulnerabilidade indicados, pelos mais diversos autores, para a ocorrência de comportamentos sexualmente agressivos que vão desde a fraca regulação emocional às experiências sexuais precoces, passando pelos estilos de vinculação na infância.

Um dos factores apontados, prende-se com a fraca regulação emocional e comportamental, exacerbando preocupação com a satisfação momentânea e imediata de desejos e necessidades emocionais (Carvalho, Quinta-Gomes & Nobre, 2013; Carvalho & Nobre, 2012; Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007). Esta falha na regulação emocional interage com factores como distorções cognitivas - como acusar a vítima de ser provocativa (Ward, 2000), e défices de intimidade, predispondo assim os indivíduos para a agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2012). Alguns agressores vivenciam histórias de isolamento emocional que, estando relacionado com relações heterossexuais, pode levar a agressão sexual contra mulheres uma vez que as culpam pela sua solidão (Koss & Dinero, 1988).

De referir que entre agressores condenados são encontradas características como fraca assertividade (Overholser & Beck, 1986), traços de personalidade antissocial (OMS, 2012), sendo que tendem a usar o sexo como estratégia de *coping* para tentar atenuar os estados de afeto negativos e facilitar os positivos. Ainda, agressores sexuais de crianças são mais caracterizados por ansiedade e traços passivo-agressivos do que violadores (Chantry & Craig, 1994 cit in Carvalho et al., 2013) e entre violadores encontram-se com mais frequência traços de hostilidade, agressão e negatividade (Shechory & Ben-David, 2005 cit in Carvalho et al., 2013)

Ainda nesta linha de pensamento encontramos resultados assentes em défices no funcionamento socio-afetivo (Craig et al., 2007), na intimidade nas relações (Looman, Abracen, DiFazio, & Maillet, 2004) e relacionados com dificuldades na resolução de problemas (Craig et al., 2007). De ressaltar que, em agressores condenados por violação, são referidos estados de afeto negativo

como ansiedade e depressão (Carvalho & Nobre, 2012) como estando relacionados com a agressão sexual.

Verifica-se que experiências desenvolvimentais inadequadas (como estilos de vinculação disfuncionais) têm impacto no desenvolvimento afectivo, social e sexual (Carvalho & Nobre, 2012) levando à procura de respostas positivas em recompensas imediatas como o sexo, recorrendo à coerção (Marshall, Marshall, Serran & Fernandez, 2006). Estilos de vinculação disfuncionais/inseguros não permitem o desenvolvimento de competências (como autoconfiança e regulação do afeto) que possibilitam o estabelecimento de relações íntimas quando adultos (Marshall, 1989; Stephen & Ward, 1997), demonstrando assim a importância das experiências precoces com os cuidadores (Lyn & Burton, 2004; Tharp et al., 2012). Negligência e abuso na infância (Koss & Dinero, 1989; OMS, 2012), exposição ao conflito e violência familiar (Tharp et al., 2012) são também referidos como factores de risco para a perpetuação de abuso sexual.

Outros indicadores a ter em atenção são a necessidade e sentimentos de controlo, dominância (Martín, Vergeles, Acevedo, Sánchez & Visa, 2005) e superioridade sobre as mulheres (Abbey, Parkhill, BeShears, Clinton-Sherrod & Zawacki, 2006), para além da falta de empatia para com as mesmas (Dean & Malamuth, 1997; Martín et al., 2005; Wheeler, George & Dahl 2002).

1.2 Agressão sexual & sociedade.

Numa vertente mais cultural, encontramos como preditores os mitos relacionados com as atitudes das mulheres, considerando que dizem muitas vezes “não” quando na verdade estão só a fazer-se “difíceis”, dando falsos sinais (Abbey & McAuslan, 2004; Ward, 2000), acreditar que as vítimas “tiveram o que mereciam”, que os homens têm o direito a estabelecer relações sexuais com quem desejarem, que as mulheres gostam de ser dominadas e controladas e que os homens não conseguem controlar os impulsos (OMS, 2012; Ward, 2000). Crenças e mitos que suportam e minimizam a agressão sexual (Collings, 1994; Ryan, 2004 cit in Carvalho et al., 2013), aceitação da violência interpessoal (Koss & Dinero, 1988; OMS, 2012) e crenças sexuais distorcidas (Carvalho et al., 2013) são também preditores de agressão sexual contra mulheres. Segundo Wegner e

colaboradores (2014), alguns homens admitem e consideram que, existindo um primeiro contacto sexual (principalmente no âmbito de uma relação) têm “o direito” a voltar a estabelecer contacto sexual com a pessoa em questão.

Numa vertente mais social, a pressão imposta pelos pares (Koss & Dinero, 1988; Abbey et al., 2006) é também um fator de risco para a perpetuação da agressão sexual. Estudantes tendem a agredir sexualmente devido ao suporte sentido pelos pares, que reforçam este tipo de comportamento (Carr & VanDeusen, 2004), facilitando a “hipermasculinidade” (através da visão da mulher enquanto objecto sexual e do consumo excessivo de álcool), principalmente quando pertencem a grupos de pares exclusivamente masculinos (Schwartz & DeKeseredy's, 1997 cit in Franklin, Bouffard & Pratt, 2012).

De acordo com os resultados encontrados por Schwartz e DeKeseredy's (1997 cit in Franklin et al., 2012), vê-se o exemplo das fraternidades típicas da realidade americana nas quais os valores inculcados, (como a sensação de superioridade), induzem a um conformismo face às normas sexuais coletivas por eles estabelecidas, sendo o comportamento sexual predatório apoiado e incentivado. Ainda nesta linha de pensamento, Gottfredson e Hirschi (1990 cit in Franklin et al., 2012), defendem que défices no autocontrole levam a fracas relações sociais, podendo potenciar a quebra de normas socialmente aceites levando, não só mas também, à agressão sexual.

1.3 Agressão sexual & sexualidade.

No que respeita à sexualidade, experiências sexuais precoces (Koss & Dinero, 1988; Martín et al., 2005) e visionamento regular de pornografia (Carr & VanDeusen, 2004; Koss & Dinero, 1988; Malamuth, 1986), são também factores de risco associados à adoção de comportamentos sexualmente agressivos, estando este último mais relacionado com indivíduos que apresentam níveis mais altos de extroversão (Barnes, Malamuth & Check, 1984). De salientar ainda o papel dos interesses sexuais desviantes (Carvalho et al., 2013) e comportamentos sexuais não convencionais (como relações sexuais com submissão e dominância) que estão relacionados com níveis altos de psicoticismo (Barnes et al., 1984). A dominância sexual mostrou-se fortemente relacionada

com a coerção sexual e, a compulsão sexual mostrou ser também um preditor importante, tendo influencia na adoção de estratégias de coerção sexual pelo ponto de vista da dominância. (Schatzel-Murphy, Harris, Knight & Milburn, 2009).

O comportamento sexualmente coercitivo em homens poderá estar também relacionado com experiências de abuso precoces, levando a que, devido à experiência do contato sexual não consensual, aumente o seu desejo de dominar outros em situações sexuais, levando-os a adotar medidas coercivas contra as mulheres (Schatzel-Murphy et al., 2009).

Também a excitação sexual pode ter um papel determinante na adoção de táticas sexuais coercivas, (prevalentes entre a população universitária), na medida em que pode alterar a percepção dos custos/benefícios da prática da agressão (Fisher et al., 2010 cit in Bouffard & Miller, 2014), podendo ainda levar a más interpretações das intenções sexuais, atentando a factores contextuais como é o exemplo da forma como as mulheres se vestem em detrimento da sua vontade expressa (Abbey, McAuslan & Ross, 1998). Isto poderá ser explicado pelo facto de que, devido à excitação, o indivíduo se foque apenas na possibilidade de obter satisfação sexual ignorando qualquer outra consideração (Bouffard & Miller, 2014).

Verifica-se também que a noção de incompetência sexual (relacionada com fraco funcionamento sexual, habilidades sociais limitadas e experiências heterossexuais impróprias) é um fator comum entre agressores sexuais e fomenta também a agressão sexual (Lee et al., 2001 cit in Carvalho et al., 2013). Estudantes, que relatam algum tipo de agressão sexual, apresentam mais dificuldade de erecção e orgasmo, e mais inibição sexual (relacionando-se com a percepção de falha no desempenho sexual) levando a que no sexo não consensual sintam menos pressão e por conseguinte menos preocupação com a performance sexual (Carvalho et al., 2013). Estes percecionam-se como sexualmente incompetentes, indesejados e rejeitados e, ainda assim, muito críticos em relação à sua performance sexual, apresentando estilos cognitivos ineficazes (Carvalho et al., 2013).

1.4 Agressão sexual & personalidade.

Um outro fator predisponente da agressão sexual é a impulsividade (Craig et al., 2007; Carvalho & Nobre, 2012), estando significativamente relacionada com crimes não premeditados, sendo que diferentes níveis poderão estar relacionados com diferentes tipos de agressores sexuais. Carvalho e Nobre (2012) trazem-nos que estudantes universitários, que relatam algum tipo de agressão sexual, apresentam níveis mais elevados de impulsividade. Esta característica, extremamente relacionada com o baixo autocontrole precede a aquisição de atitudes anti-sociais, sendo este também um preditor de comportamentos de risco, no âmbito criminal e não criminal (Franklin et al., 2012). De referir ainda que agressores sexuais “situacionais” ou “de ocasião” atuam, por norma, de forma impulsiva e sem planeamento (Hall & Hirschman, 1992).

Carvalho e Nobre (2013), encontraram que a baixa conscienciosidade é mais característica de estudantes que relatam algum tipo de agressão sexual do que de agressores condenados. Este traço pode ser indicador de um padrão de irresponsabilidade, falta de autodisciplina e dificuldades em atingir objetivos (Costa & McCrae, 1992 cit in Carvalho & Nobre, 2013), podendo ainda estar relacionado com infidelidade e promiscuidade (Schmitt, 2004 cit in Carvalho & Nobre, 2013).

Em relação a traços de personalidade, a masculinidade hostil, relacionada com o desejo de controle e dominância e também com atitudes defensivas e inseguras em relação às mulheres (Malamuth, Sockloskie, Koss, & Tanaka, 1991), prediz em certa medida a má interpretação por parte dos homens relativamente às intenções sexuais das mulheres (Jaques-Tiura et al, 2007 cit in Carvalho & Nobre, 2013). Este traço de masculinidade hostil, quando conjugado com relações sexuais impessoais/casuais (Wheeler et al., 2002) ou com promiscuidade sexual (Malamuth et al., 1991) é também um forte preditor de agressão sexual.

No que respeita à hostilidade (Abbey & McAuslan, 2004; Koss & Dinero, 1988), que poderá também estar relacionada com o estilo de vinculação (Stephen & Ward, 1997), pode dizer-se que é encontrada com maior frequência em agressores sexuais não condenados do que agressores sexuais de crianças o

que poderá ser um indicador de que a raiva e a impulsividade são características inerentes a agressores com vítimas adultas (Carvalho & Nobre, 2013).

1.5 Agressão sexual & fatores situacionais.

Relativamente a fatores situacionais como é o caso do consumo de álcool, Abbey e colaboradores (1996 cit in Palmer, McMahon, Rounsaville & Ball, 2010) reportaram que cerca de 47% dos estudantes que admitiram comportamentos sexuais agressivos indicavam também ter consumido álcool aquando da agressão. Krahé e Berger (2013) encontraram que a utilização abusiva de álcool, tanto por parte do agressor como da vítima, está presente em várias situações de agressão sexual.

O consumo de álcool pode incrementar o risco de agressão sexual (Abbey et al., 2006; Abbey & McAuslan, 2004; Carr & VanDeusen, 2004; Koss & Dinero, 1988; Looman et al., 2004; Ullman, Karabatsos & Koss, 1999; Wheeler et al. 2002) na medida em que direcciona a atenção dos agressores para os benefícios a curto prazo (Taylor & Chermack, 1993 cit in Untied, Orchowski & Lazar, 2013), podendo levar também a más interpretações das intenções das mulheres (Jacques-Tiura, Abbey, Parkhill & Zawacki, 2007), conduzindo ainda os sujeitos a uma maior agressividade (Abbey, Clinton-Sherrod, McAuslan, Zawacki & Buck, 2003). Em muitos casos os homens utilizam a intoxicação por álcool, exagerando por vezes nas quantidades que dizem ter ingerido (Abbey et al., 2003), como justificação para a agressão sexual cometida, desresponsabilizando-se assim pelo comportamento adotado (George & Stoner, 2000). Untied e colegas (2013) encontraram num dos seus estudos que pelo menos 33% dos homens admitiram intenção de cometer pelo menos uma forma de agressão sexual (como contacto sexual com uso da coerção ou administração de álcool/droga), para obtenção do contacto sexual.

As intenções da utilização de álcool ou droga, compreendem-se desde a exploração do estado incapacitado do outro, ao fornecimento de álcool ou drogas com o intuito claro de obter algo da pessoa incapacitada (Lottes, 1992; O'Sullivan, Byers & Finkelmann, 1998; Schatzel-Murphy et al., 2009).

2. Objetivos e Hipóteses

Em termos percentuais, entre 15% e 25% dos estudantes universitários do sexo masculino que admitem algum tipo de agressão sexual, não foram sujeitos a qualquer tipo de sanção legal (Malamuth et al, 1991) e ainda, mais de 30% dos estudantes, do sexo feminino ou masculino, admitem já ter experienciado algum tipo de agressão sexual (Palmer et al., 2010).

Atentando a tudo isto é importante referir que, por norma, perante a presença de apenas um preditor de agressão sexual não é tão provável que esta se venha a concretizar quando comparado com a conjugação de vários preditores (Malamuth, 1986).

De forma a executar e delinear planos de intervenção e prevenção mostra-se fundamental atentar a diversos factores como a importância de treino de regulação afectiva e da impulsividade, treino de estratégias de *coping* e regulação emocional (Marshall et al, 2006), prevenção focada na agressão sexual relacionada com o uso excessivo de álcool (Carr & VanDeusen, 2004), entre outros.

É importante atentar também, numa tentativa de prevenir reincidência a que, agressores com fraco suporte social, alta tolerância em relação à agressão sexual, estilos de vida anti-sociais, défices nas estratégias de auto-regulação e ambientes familiares pouco seguros têm maior probabilidade de recaída (Hanson & Harris, 2000).

De salientar que a agressão sexual representa um risco acrescido para sintomatologia depressiva em estudantes universitários de ambos os sexos, estando também diretamente associada à baixa satisfação das necessidades psicológicas básicas (Chang, 2015).

Considerando tudo isto, o presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno da agressão sexual, avaliando e caracterizando dimensões do funcionamento interpessoal de estudantes universitários que relatem a adoção de algum tipo de estratégias sexualmente

agressivas. Numa primeira parte pretende-se analisar as estratégias agressivas, utilizadas para tentar obter sexo com o sexo oposto, fazendo uma descrição em termos da prevalência. Seguidamente, deverá proceder-se à comparação entre o grupo de homens que relatam adoção de estratégias sexualmente agressivas e aqueles que não relatam.

De notar que o funcionamento interpessoal de agressores sexuais tem vindo a ser estudado ao longo dos anos, sendo salientada a dificuldade nas interações heterossexuais (Marshall, 1989).

Para isto recorrer-se-á à avaliação de factores como estratégias de interacção e de relacionamento interpessoais, intimidade nas relações, sintomas psicopatológicos, perturbação emocional, estilos de vinculação e desejabilidade social.

Assim, colocam-se as seguintes hipóteses:

H1: Homens com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentam mais sintomatologia do foro psicopatológico (congruente com facetas do relacionamento interpessoal, como sensibilidade interpessoal, hostilidade e psicoticismo)

H2: Homens com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentam maior percepção de problemas a nível da sua intimidade.

H3: Homens com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentam um estilo de vinculação mais disfuncional relativamente ao grupo de controlo.

H4: Homens com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentam maiores dificuldades na sua interacção social/interpessoal.

Estudo Empírico

1. Metodologia

1.1 Participantes.

Este estudo contou com a participação de uma amostra, *online*, de 308 estudantes universitários do Ensino Superior Português, constituindo desta forma uma amostra não clínica de homens, heterossexuais, com idade mínima de 18 anos, de qualquer ciclo de estudos (cf. Tabela 1).

Tabela 1
Caraterísticas Sociodemográficas da amostra(n=308)

| | Homens Com Comportamento Sexualmente Agressivo (n=162) | | Homens Sem Comportamento Sexualmente Agressivo (n=146) | |
|----------------------------------|---|-----------|---|-----------|
| Idade | M = 25.51 | DP = 7.10 | M = 24.97 | DP = 8.32 |
| Idade da Primeira Relação Sexual | M = 17.48 | DP = 2.43 | M = 17.54 | DP = 2.69 |
| Estado Civil | | | | |
| Casado | | 8.6% | | 8.2% |
| Solteiro | | 79.0% | | 86.3% |
| União de Facto | | 11.1% | | 3.4% |
| Divorciado | | 1.2% | | 2.1% |

| | | |
|-----------------------------|-----------------|-----------------|
| Instituição | | |
| Privado | n = 15 (9.3%) | n = 9 (6.2%) |
| Público | n = 147 (90.7%) | n = 137 (93.8%) |
| Habilitações | | |
| A frequentar | 73.5% | 67.1% |
| Licenciatura | | |
| A frequentar Mestrado | 21.6% | 25.3% |
| A frequentar | 2.5% | 4.8% |
| Doutoramento | | |
| Outro | 2.5% | 2.7% |
| Parceiros Sexuais Atuais | | |
| Nenhum | 20.4% | 19.9% |
| 1 parceiro | 69.1% | 74.7% |
| 2 parceiros | 3.1% | 4.1% |
| Múltiplos | 7.4% | 1.4% |
| Frequência Atividade Sexual | | |
| Nenhuma | 6.8% | 13.0% |
| Raramente | 11.7% | 5.5% |
| 1 / mês | 7.4% | 2.1% |
| 2 a 3 / mês | 16.7% | 19.2% |
| 1 a 3 / semana | 45.7% | 51.4% |
| Quase sempre | 11.7% | 8.9% |
| Vítima de Abuso Sexual | 2.5% | 2.7% |
| Consumo de Drogas | (n = 33) 20.4% | (n = 19) 13.0% |
| Frequência Consumo Drogas | | |
| Todas as semanas | (n = 12) 37.5% | (n = 7) 36,8% |
| 1 a 3 / mês | (n = 8) 25% | (n = 8) 42.1% |
| 1 a 3 / ano | (n = 12) 37.5% | (n = 4) 21.1% |

1.2 Procedimentos.

Após submissão de consentimento e consequente aprovação por parte da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, procedeu-se à divulgação do estudo.

A recolha de dados para estudo efectuou-se via on-line, tendo-se dado forma ao questionário no programa *Limesurvey*. Deste modo, atentando ao método de divulgação, tratou-se de uma amostra por conveniência, de forma a chegar ao máximo número de indivíduos, possibilitando que os mesmos respondessem também de forma cómoda garantindo o anonimato e a confidencialidade. A recolha decorreu a partir de Outubro de 2015 e a divulgação dos questionários realizou-se através da rede de contactos das diversas universidades Portuguesas e através de redes sociais, estando a participação dos alunos condicionada ao consentimento informado.

Foi assegurado, através da informação prestada no início do questionário, que ficaria claro para os participantes tratar-se de um estudo voluntário, podendo o participante desistir a qualquer momento. Foi explicitada a natureza do estudo, à exceção da sua ligação ao estudo da “agressão sexual” de forma a salvaguardar o enviesamento das respostas. Foi ainda fornecido aos participantes o contacto das investigadoras para qualquer esclarecimento e sendo oferecida a oportunidade de acompanhamento especializado e de forma gratuita aos participantes que o solicitassem.

Os dados obtidos foram guardados e posteriormente tratados com o auxílio do programa SPSS.

1.3 Instrumentos.¹

1.3.1 Questionário Sociodemográfico.

Iniciou-se a recolha de dados com a utilização de um questionário sociodemográfico (Anexo B) para levantamento de dados, constituído por

¹ De forma a respeitar e assegurar direitos de autor, não serão apresentados em anexo os instrumentos utilizados no presente estudo, à exceção do questionário sociodemográfico.

questões de resposta rápida contemplando variáveis sociodemográficas como: sexo, idade, estado civil e habilitações literárias.

Abrange ainda o diagnóstico de problemas psiquiátricos, questões da sexualidade (Orientação sexual, número de parceiros sexuais actuais, frequência de actividade sexual e idade da primeira relação sexual), a possível ocorrência de algum tipo de abuso sexual e o consumo de drogas e álcool.

1.3.2 Escala de Desejabilidade Social (SDRS-5).

A *Socially Desirable Response Set Measure* - SDRS-5 (Hays, Hayashy, & Stewart, 1989) é composta por um total de 5 itens, avaliados por uma escala do tipo Likert, de 1 (Definitivamente Verdade) a 5 (Definitivamente Falsa) contempla questões relacionadas com a forma como o sujeito admite sentir-se face a si e aos outros (amabilidade independentemente da reacção do outro, vingança, abuso de poder, capacidade de ouvir e ressentimento face ao incumprimento de objetivos). Esta medida avalia a tendência do participante para dar respostas socialmente desejáveis. Com uma consistência interna de $\alpha = .68$, na sua versão original, Pechorro, Ayala-Nunes, Oliveira, Nunes e Gonçalves (2016) encontraram, numa amostra portuguesa de jovens agressores encarcerados, uma consistência interna de $\alpha = .70$. No presente estudo, tratando-se de uma amostra não forense, o alfa de Cronbach foi de $.73$.

1.3.3 Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).

O *Brief Symptom Inventory* - BSI (Derogatis & Spencer, 1982) é uma adaptação do SCL-90-R, sendo composto por 53 itens e avaliando sintomas psicopatológicos (ansiedade fóbica, obsessão, sensibilidade interpessoal, depressão, hostilidade, psicoticismo, somatização e ideação paranóide) e perturbação emocional. Este instrumento está validado para a população portuguesa (tradução e adaptação de Canavarro, 1995) sendo direccionado para populações com doença psiquiátrica/psicológica podendo no entanto ser administrado à população em geral (Derogatis & Melisaratos, 1983).

Desta forma, estima ainda três índices globais (índice geral de sintomas, total de sintomas positivos e índice de sintomas positivos) sendo

avaliado por uma escala de Likert, com opção de resposta de “nunca” (1) a “muitíssimas vezes” (5).

No que concerne à versão portuguesa a consistência interna entre as subescalas situa-se entre 0,62 e 0,80 (α de Cronbach) e Canavarro (2007) aponta o valor igual ou superior a 1,7 como ponto de corte.

1.3.4 Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR).

O *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* - PAIR (Shaefer & Olson, 1981) encontra-se traduzido e adaptado para a população portuguesa (Moreira, Amaral & Canavarro, 2009) e é composta por 35 itens. Trata-se de um questionário de auto-resposta, avaliado por uma escala de Lickert de 5 pontos (0 – Discordo fortemente a 4 – Concordo fortemente). A intenção do instrumento é medir o grau de intimidade percebida (grau em que se sente íntimo nas diversas dimensões da relação) e esperada (grau de intimidade desejada) pelo indivíduo numa relação, sendo que valores mais altos indicam maiores níveis de intimidade.

Relativamente à versão portuguesa, é composta por 3 factores: validação pessoal (α de Cronbach = .88; relacionado com a validação de sentimentos, aceitação e opiniões), comunicação (α de Cronbach = .87, relacionado com a possibilidade de se expressar emocionalmente) e abertura ao exterior (α de Cronbach = .71; relacionada com as amizades) e uma escala que avalia a desejabilidade social (α de Cronbach = .82).

De acordo com as autoras responsáveis pela adaptação à população portuguesa as escalas apresentam como a consistência interna, validade divergente e validade convergente elevados (Moreira, Amaral & Canavarro, 2009).

1.3.5 Escala de Vinculação do Adulto (EVA).

A *Adult Attachment Scale-R* (Collins & Read, 1990), traduzida e adaptada para a população portuguesa (Canavarro, Dias & Lima, 2006), é constituída por 18 itens e tem como intuito a avaliação da vinculação no adulto. Trata-se de um questionário de auto-resposta que engloba 3 factores: ansiedade (relacionada com questões interpessoais), conforto com a proximidade (relativo à

intimidade) e confiança nos outros (confiança que o sujeito tem e sente nos outros).

Neste inventário os sujeitos deverão responder a uma série de afirmações indicando o grau em que cada uma delas descreve como se sente, de forma geral, face às relações afectivas que mantém. As respostas são avaliadas de acordo com uma escala de tipo Likert, optando entre “Nada característico em mim” e o “Extremamente característico em mim”.

Nos estudos portugueses levados a cabo, o instrumento apresenta níveis adequados de consistência interna (valores de α de Cronbach entre .68 e .75) e também boa estabilidade temporal (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

1.3.6 Inventário de Comportamentos Interpessoais (ICI).

O *Interpersonal Behavior Survey* (Mauguer et al. 1980) adaptado à população portuguesa (McIntyre, 1995) foi elaborado para avaliar comportamentos das relações interpessoais considerados agressivos ou assertivos, sendo considerado eficaz na elaboração de perfis interpessoais da população normal e patológica (McIntyre, 1995).

A forma breve deste inventário é composta por 38 itens divididos em três subescalas: negação (procura medir a desejabilidade social, resultados altos poderão indicar que o sujeito pode estar a tentar dar uma melhor imagem de), assertividade geral (comportamentos assertivos do sujeito, a forma como responde perante situações distintas) e agressividade geral (comportamentos agressivos face a determinadas situações) apresentando resultados satisfatórios nos testes psicométricos (McIntyre, 1995).

É solicitado aos participantes que assinalem com uma cruz a opção V (verdadeira) se as afirmações o descrevem (ou o descrevem a maior parte das vezes) e a opção F (falsa) se a descrição não se mostrar verdadeira (de todo ou a maior parte das vezes).

A versão portuguesa suporta a fidelidade da escala exceto para a subescala “negação” (Araújo, 2009)

1.3.7 Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS).

A Sexually Aggressive Behavior Scale (Anderson, 1996), é uma escala de autorrelato, normalmente utilizada em amostras femininas. É constituída por 26 itens, que medem a quantidade de vezes, ao longo da vida, que se iniciou contacto sexual através da utilização de diferentes estratégias. Uma vez que este estudo conta com uma amostra unicamente masculina, os itens da SABS foram reformulados de forma a permitir que seja respondido por homens (e.g. item feminino “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?”, item masculino “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais?”). A SABS é composta por três subescalas que medem: frequência de ocorrência de coerção sexual (e.g., iniciar contacto sexual com uma mulher ameaçando a acabar com a relação, pressão verbal), abuso sexual (e.g., iniciar contacto sexual com um menor por um adulto pelo menos 5 anos mais velho que o menor, ao utilizar uma posição de poder/autoridade) e força física (e.g., iniciar contacto sexual ameaçando utilizar algum tipo de força física ou arma).

O instrumento apresenta uma consistência interna de $\alpha = .75$ e, os participantes deverão responder a cada uma das afirmações numa escala de “Nunca” até “Mais de 10 vezes”.

1.4 Procedimentos estatísticos.

Todas as análises estatísticas executadas para tratamento dos dados obtidos através da aplicação dos questionários *online* foram realizadas com recurso ao programa estatístico SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, versão 23 (atendendo a que se trata de um estudo quantitativo). Foram efectuadas análises descritivas referentes à caracterização da amostra, bem como análises descritivas de frequências (de forma a agrupar os resultados da SABS).

Seguidamente foram realizadas Análises Multivariadas de Covariância (MANCOVAs) para avaliarem o efeito da condição grupo (Homens Com Comportamento Sexualmente Agressivo X Homens Sem Comportamento Sexualmente Agressivo) nas variáveis em estudo.

A desejabilidade social foi introduzida como co-variável em todas as análises. Os testes de homogeneidade da covariância e variância (Box M e teste de Levene, respetivamente) suportaram a assunção de homogeneidade de todas as variáveis em teste, exceto para as matrizes de covariância alusivas ao ICI [$p = .013$] e ao BSI [$p = .032$]. Não obstante, atentando ao elevado número de participantes, optou-se por manter o Lambda de Wilks como parâmetro.

2. Resultados

2.1 Dados Descritivos.

Os dados descritivos indicaram que 146 (47.40%) homens não apresentaram historial de comportamento sexualmente agressivo, ao passo que 162 (52.59%) reportaram o uso de alguma estratégia sexualmente agressiva, com a finalidade de iniciar interação social com mulher(es).

Verifica-se, no grupo de homens que reportaram alguma forma de agressão sexual contra mulheres, que 87.7% (cf. Tabela 2), um total de 142, relataram comportamentos considerados sexualmente coercivos (e.g., iniciar contacto sexual com uma mulher ameaçando acabar com a relação, pressão verbal), 41.4%, perfazendo um total de 67 homens, (cf. Tabela 2) relataram comportamentos considerados como abuso sexual (e.g., iniciar contacto sexual com um menor por um adulto pelo menos 5 anos mais velho que o menor, ao utilizar uma posição de poder/autoridade) e 7.4%, ou seja, 12 homens (cf. Tabela 2) relataram o uso de força física (e.g., iniciar contacto sexual ameaçando utilizar algum tipo de força física ou arma). Os resultados (obtidos através da SABS), discriminados por item, apresentam-se na Tabela 2.

Os resultados revelaram um efeito principal significativo para a condição grupo (Homens Com Comportamento Sexualmente Agressivo X Homens Sem Comportamento Sexualmente Agressivo) em todas as variáveis excepto na intimidade (aí o efeito principal não foi significativo), expondo-se de seguida os resultados.

Tabela 2*Resultados SABS, por item*

| Itens | % (n) |
|---|-----------|
| Coação Sexual | |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando acabar com a vossa relação? | 11.7 (19) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher dizendo coisas que no fundo não queria dizer? | 61.1 (99) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher pressionando-a com argumentos verbais? | 53.7 (87) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher questionando a sua sexualidade (sugerindo que ela poderia ser impotente ou gay)? | 9.9 (16) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando magoar-se a si mesmo? | 4.3 (7) |
| Abuso Sexual | |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher usando a sua posição de poder ou autoridade (patrão, professor, baby-sitter, conselheiro ou supervisor)? | 9.9 (16) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher com 12 a 18 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos que você? | 21 (34) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher levando-a a embriagar-se ou drogar-se? | 9.3 (15) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher tirando partido de uma situação comprometedor onde ela estava (estando ela num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)? | 13 (21) |

Força Física

| | |
|--|----------|
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-a, agarrando-a, atingindo-a, etc.)? | 2.5 (4) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher usando algum tipo de força física? | 7.4 (12) |
| Quantas vezes tentou ter contacto sexual com uma mulher ameaçando-a com uma arma? | 0 (0) |

2.2 Diferenças entre homens que reportam historial de comportamentos sexualmente agressivos e homens sem histórico de comportamentos sexualmente agressivos.

2.2.1 Sintomas Psicopatológicos.

Após controlar a desejabilidade social, Wilks's $\Lambda = .97$, $F(3, 299) = 3.05$, $p < .05$, η^2 parcial = .03, foi encontrado um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .97$, $F(3, 299) = 3.21$, $p < .05$, η^2 parcial = .03.

Após a correção de Bonferroni ($p = .01$), com uma análise dos testes univariados, pode verificar-se que existe um efeito univariado significativo para a Hostilidade: $F(1, 301) = 46,58$, $p < .05$, η^2 parcial = .01, indicando que, homens que adoptam comportamento sexualmente agressivo apresentaram um nível de hostilidade superior aos restantes (cf. Tabela 3).

2.2.2 Intimidade Percebida.

Foi realizada uma Análise Multivariada de Covariâncias, com o objetivo de avaliar de que forma a pertença ao grupo com comportamento sexualmente agressivo pode produzir resultados estatisticamente significativos a nível da Validação Pessoal, Abertura ao Exterior e Comunicação. Após controlada a desejabilidade social, Wilks's $\Lambda = .99$, $F(3, 303) = .65$, $p = .59$, η^2 parcial = .01, não foi encontrado um efeito multivariado principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .98$, $F(3, 303) = 2.2(9)$, $p = .08$, η^2 parcial = .022.

Porém, com uma análise dos testes univariados, pode verificar-se que existe uma diferença significativa para a Validação Pessoal: $F(1, 305) = 6.3(9)$, $p < .05$, η^2 parcial = .02, pelo que, homens com comportamento sexualmente agressivo apresentaram uma maior validação pessoal quando comparado com o outro grupo (cf. Tabela 3).

2.2.3 Vinculação no Adulto.

Com o intuito de avaliar de que forma a pertença ao grupo com comportamento sexualmente agressivo pode produzir resultados estatisticamente significativos a nível do Conforto e Proximidade, da Confiança nos Outros e na Ansiedade, foi realizada de novo uma Análise Multivariada de Covariâncias, sendo controlado o efeito da Desejabilidade Social, Wilks's $\Lambda = .96$, $F(3, 303) = 4.24$, $p < .01$, η^2 parcial = .04. A Análise Multivariada de Covariância revelou a existência de um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .96$, $F(3, 303) = 4.78$, $p < .005$, η^2 parcial = .05.

Após a correção de Bonferroni ($p = .01$), a análise dos testes univariados aponta para que o efeito univariado principal se deva à existência de diferenças estatisticamente significativa a nível da Confiança nos outros: $F(1, 305) = 10.50$, $p < .005$, η^2 parcial = .03, sendo que, o grupo com comportamento sexualmente agressivo apresenta um valor médio de confiança nos outros [$M = 2.93$, $SD = .59$] inferior ao valor médio do grupo sem comportamento sexualmente agressivo [$M = 3.16$, $SD = .59$] (cf. Tabela 3).

2.2.4 Comportamentos de interação social.

Após controlar a desejabilidade social, Wilks's $\Lambda = .91$, $F(2, 304) = 15.56$, $p < .001$, η^2 parcial = .09, a Análise Multivariada de Covariância revelou um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .97$, $F(2, 304) = 4.54$, $p < .05$, η^2 parcial = .03.

Após a correção de Bonferroni ($p = .01$), procedeu-se à análise dos efeitos univariados das variáveis dependentes, sendo que os mesmos apontam para que o efeito principal se deva a existência de diferenças estatisticamente significativa a nível da Agressividade Geral: $F(1, 305) = 9.05$, $p < .005$, η^2 parcial

=.03, pelo que, os homens com comportamento sexualmente agressivo apresentaram níveis de Agressividade Geral superior aos que não repostam comportamento sexualmente agressivo (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Diferenças Entre Homens Sexualmente Agressivos e Homens Não Agressivos (PAIR, EVA, ICI, BSI)

| | Homens Com Comportamento Sexualmente Agressivos | | Homens Sem Comportamento Sexualmente Agressivo | | <i>F</i> (1,305) | <i>p</i> | η_p^2 |
|----------------------------------|--|------|---|-------|---------------------|----------|------------|
| | M | DP | M | DP | | | |
| Intimidade Percebida | | | | | | | |
| Validação pessoal*** | 1.26 | .68 | 1.04 | .73 | 6.399* | .012 | .021 |
| Comunicação | 2.88 | .71 | 3.03 | .81 | 2.35 | .13 | .008 |
| Abertura ao Exterior | 2.12 | .56 | 2.11 | .61 | .04 | .85 | 0 |
| Vinculação no Adulto | | | | | | | |
| Ansiedade | 2,76 | .85 | 2.57 | .89 | 1.99 | .16 | .006 |
| Conforto com a proximidade | 3.59 | .60 | 3.59 | .64 | .26 | .61 | .001 |
| Confiança nos outros | 2.93 | .59 | 3.16 | .59 | 10.501** | .001 | .033 |
| Comportamentos | | | | | | | |
| Assertividade | .68 | .17 | .69 | .21 | .01 | .93 | 0 |
| Agressividade | .26 | .18 | .19 | .15 | 9.050* | .003 | .03 |
| Sintomas Psicopatológicos | | | | | | | |
| Sensibilidade Interpessoal | 8.95 | 3.06 | 8.21 | 3.04 | 3.41 | .07 | .011 |
| Hostilidade | 10.56 | 3.55 | 9.59 | 3.21 | 4.143* | .043 | .014 |
| Psicoticismo | 9.73 | 3.36 | 9.51 | 3.(9) | .04 | .85 | 0 |

*Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** Valores mais elevados são indicativos de menor validação percebida.*

3. Discussão

3.1 Discussão dos Resultados.

Desde há muito têm vindo a ser estudados quais os fatores potenciadores ou precipitantes da agressão sexual. De fatores situacionais, passando por condicionantes culturais, psicopatologia, estilos de vinculação a factores proximais, são inúmeros os estudos realizados e incontáveis as consequências quer para vítimas como para perpetradores deste tipo de comportamento disfuncional.

Atentando à pertinência da temática, o presente estudo teve como objetivo primordial o contributo para uma melhor compreensão do fenómeno da agressão sexual, avaliando e caracterizando dimensões do funcionamento interpessoal de estudantes universitários que relatem a adoção de algum tipo de estratégias sexualmente agressivas para obtenção de satisfação sexual.

Verificou-se deste modo que mais de metade da amostra de estudantes universitários (52.59%) admitiu a adoção de comportamentos sexualmente agressivos, levando a crer que, tratando-se de comportamentos considerados possivelmente menos graves, estes possam ser encarados como comuns, atentando a fatores como, por exemplo, aprovação por parte dos pares.

No presente estudo, as estratégias referidas como mais utilizadas encontram-se relacionadas com a coacção sexual (87.7%), mais precisamente, utilização de argumentos verbais. Estes resultados vão ao encontro de alguns estudos (e.g. Hines, 2007; Lottes, 1992; Schatzel-Murphy, Harris, Knight, & Milburn, 2009) que indicam que a coacção verbal é a estratégia de coacção sexual mais utilizada.

A coacção sexual é por vezes considerada como meio de homens assegurarem a sua posição de poder face às mulheres (Hines, 2007), é referida também como forma encontrada pelo homem de expressar a sua hostilidade contra a mulher (Russell, 1975 cit in Hines, 2007), sendo também por vezes considerada como normativa no seio das relações (Oswald & Russell, 2006). A utilização de argumentos verbais, uma vez que não deixa marcas visíveis nas

vítimas, pode não ser encarada como violência por parte dos agressores. Do mesmo modo, a estimulação e a pressão verbal são avaliadas como estratégias menos graves do que força simulada, intoxicação e força física (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1991).

Atentando de forma geral, os resultados obtidos no presente estudo sugerem que a dimensão interpessoal está relacionada com a forma como encaram a sexualidade, o que tem vindo a ser sugerido por outros autores (e.g. Yazici, Dolgun, Zengin, & Bayram, 2012). Podemos ainda sugerir que, a adoção de comportamentos sexualmente agressivos poderá estar relacionada com défices no estabelecimento de relações.

Thornhill e Palmer (2000 cit in Vieira, 2010) indicam que, factores como relações íntimas e interpessoais com baixos níveis de satisfação percebidos, podem levar a adoção de comportamentos sexualmente agressivos (e.g. violação).

Alguns autores (e.g. Karantzas et al., 2015) indicam que estilos de vinculação evitantes podem estar relacionados com formas menos graves de comportamentos sexualmente agressivos sendo frequentemente associado à coerção sexual, não obstante, encontra-se também que estes mesmos indivíduos se caracterizam por desconforto com a intimidade, altos níveis de desconfiança face ao outro (Karantzas, Feeney, & Wilkinson, 2010; Mikulincer & Shaver, 2007) e necessidade de controlo (Shaver & Mikulincer, 2012). Do mesmo modo, encontra-se que, estilos de vinculação insegura podem originar dificuldades ao nível das competências de relacionamento interpessoal (Marshall & Barbaree, 1990) e associando a falta de confiança a modelos internos negativos, pode chegar-se a respostas comportamentais disfuncionais (Carriço & Paixão, 2010).

Estes resultados suportam de certo modo aqueles encontrados neste estudo, na medida em que o grupo de homens que adoptaram comportamentos sexualmente agressivos apresenta um valor médio de confiança nos outros mais baixo que o outro grupo e, níveis baixos de confiança nos outros podem advir de estilos de vinculação inseguros (Bogaert & Sadava, 2002). Os resultados vão também ao encontro de uma das hipóteses levantadas, “Homens com relato de

estratégias sexualmente agressivas apresentam maiores dificuldades na sua interacção social/interpessoal.”, uma vez que, os estilos de vinculação no adulto medeiam a forma como interagimos socialmente e, a baixa confiança nos outros futura, em certa medida, dificuldades nas interacções sociais.

No que concerne à intimidade percebida, o grupo agressor apresentou valores mais elevados de validação pessoal, relacionando-se com a noção de aceitação e também de valorização por parte do parceiro, estes valores elevados poderão ser indicativos de uma menor validação percebida. Hook, Gerstein, Detterich e Gridley (2003), apontam, entre outras, a validação pessoal e a confiança como características integrantes das interacções íntimas.

As dificuldades percebidas na intimidade poderão estar assim diretamente relacionadas com a adoção de comportamentos sexualmente agressivos, na medida em que, segundo alguns autores (e.g. Carvalho et al., 2013), estes estudantes aparentem sentir alguma forma de vulnerabilidade (percepcionando falhas no desempenho sexual), sentindo-se por vezes rejeitados pelas parceiras. Posto isto, no sexo não consensual, aparentam sentir menos pressão e por conseguinte menos preocupação com o desempenho sexual, levando então à adoção desses comportamentos disfuncionais de forma a tentar colmatar as dificuldades sentidas e a percepção de incompetência sexual.

Relativamente à hipótese relacionada com a relação entre sintomas psicopatológicos e a agressão sexual, verifica-se que os estudantes que admitem adoção de comportamentos sexualmente agressivos são também os que apresentam níveis mais altos de hostilidade. Com relação à hostilidade masculina, verifica-se que os homens, com o intuito de preservação da satisfação das suas necessidades basilares (e.g. reprodução), podem facilmente chegar ao uso da coerção e força, apresentando comportamentos mais agressivos, de forma a dominar as mulheres (Malamuth, 1986).

Esta característica, que poderá estar relacionada com o estilo de vinculação (Stephen & Ward, 1997), relaciona-se com o desejo de controle e dominância face às mulheres (Malamuth et al., 1991), podendo predizer a má interpretação por parte dos homens relativamente às intenções sexuais das

mulheres (Jaques-Tiura, et al, 2007 cit in Carvalho & Nobre, 2013) e consequente adoção de comportamentos desadequados. Indo ao encontro dos resultados obtidos, Carvalho e Nobre (2013) encontraram que a hostilidade é encontrada com maior frequência em agressores sexuais de adultos (condenados e não condenados), quando comparados com agressores sexuais de crianças.

O grupo com adoção de comportamentos sexualmente agressivos é também o que apresenta valores mais altos de agressividade, no que concerne aos comportamentos interpessoais. Van Ness,(1984 cit in Blackburn, 1994) traz-nos que a raiva, por exemplo, poderá aumentar a probabilidade de activação sexual que, conseqüentemente, poderá originar comportamentos ofensivos. Relacionado com a hostilidade, Carvalho e Nobre (2013) apresentam que a raiva e a impulsividade poderão ser características inerentes a agressores com vítimas adultas (Carvalho & Nobre, 2013).

Deste modo, os resultados aparentam direccionar-se para a noção de que, efetivamente, dificuldades nas dimensões do funcionamento interpessoal, mais concretamente no que concerne a estudantes universitários, poderão estar diretamente relacionados com a adoção de comportamentos sexualmente agressivos. De ressaltar, no entanto, a necessidade de se realizarem estudos mais aprofundados relativamente às diferentes variáveis em estudo, uma vez que, não se pode inferir, com os resultados obtidos, mecanismos de causalidade, mas apenas verificar a existência de relações significativas.

Ainda, atentando a que se verifica que a adoção de formas, consideradas menos graves, de agressão sexual é algo comum entre estudantes universitários, poderia ser pertinente estudar quais as conseqüências e implicações para as mulheres vítimas desta tipologia de agressão. Esta necessidade deve-se ao facto de que, não sendo encaradas como graves, a sua prevalência possa ser maior, e conseqüentemente afete de forma negativa um número considerável de mulheres.

3.2 Limitações.

Tal como seria de esperar o presente estudo apresenta algumas limitações relacionadas quer com a dimensão da amostra, com as próprias características da amostra ou aperfeiçoamentos do estudo em si.

Para além do que foi anteriormente referido, atentando a que se trata de uma amostra inserida num contexto social característico (estudantes universitários) e, apesar de se tratar de uma amostra adequada atentando à temática do estudo, vê-se condicionada a generalização dos resultados.

Uma outra limitação do estudo prende-se com a ambiguidade do termo “contacto sexual” (utilizado no questionário) uma vez que, sendo passível de diferentes interpretações (e.g. beijar, carícias, interacção sexual com ou sem penetração), não permite que se infira, com precisão, quais os comportamentos adoptados ou ainda confirmar se o ato sexual foi consumado. De salientar ainda que, o estudo não permite averiguar qual a interpretação das mulheres alvo do comportamento ou o seu nível de consentimento.

Ainda, talvez por estarmos perante uma amostra da comunidade onde, à partida, não são esperados valores clinicamente significativos, a magnitude dos efeitos principais foi pequena (valor máximo do efeito encontrado foi $\eta^2=0.09$), no entanto, isto pode também dever-se a outros factores implicados no fenómeno, que não foram avaliados neste estudo.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A., McAuslan, P., & Ross, L. T. (1998). Sexual assault perpetration by college men: The role of alcohol, misperception of sexual intent, and sexual beliefs and experiences. *Journal of Social & Clinical Psychology, 17*, 167-195.
- Abbey, A., Clinton-Sherrod, A., McAuslan, P., Zawacki, T., & buck, P. (2003). The Relationship Between the Quantity of Alcohol Consumed and the Severity of Sexual Assaults Committed by College Men. *Journal Of Interpersonal Violence*.
- Abbey, A., & McAuslan (2004). A Longitudinal Examination of Male College Students' Perpetration of Sexual Assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 72*(5), 747–756
- Abbey, A., Parkhill, M., BeShears, R., Clinton-Sherrod, A., & Zawacki, T. (2006). Cross-sectional predictors of sexual assault perpetration in a community sample of single African American and Caucasian men. *Aggressive Behavior, 32*(1), 54-67. doi:10.1002/ab.20107.
- Anderson, P. B. (1996). Correlates of college women's self-reports of heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 8*, 121-131.
- Araújo M. (2009). *Preditores individuais e organizacionais de bullying no local de trabalho*. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.
- Barnes, G. E., Malamuth, N. M., & Check, V. P. (1984). Personality and Sexuality. *Personality and Individual Differences, 5* (2), 159-172.
- Blackburn, R. (1993). *The Psychology of Criminal Conduct: Theory, Research and Praticce*. Chichester: Wiley.
- Bogaert, A. F., & Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships, 9*, 2, 191–204.

- Bouffard, J., & Miller, H. (2014). The Role of Sexual Arousal and Overperception of Sexual Intent Within the Decision to Engage in Sexual Coercion. *Journal Of Interpersonal Violence*, 29(11), 1967-1986. doi:10.1177/0886260513515950.
- Canavarro, M. C. (1997). Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental (Dissertação de doutoramento não publicada). *Universidade de Coimbra*, Coimbra.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos - BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves & L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. II, pp. 95- 109). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale- R (AASR) na população portuguesa. *Psicologia*, 20, 155-186.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma Revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população Portuguesa*, II.
- Carr, J., & VanDeusen, K. (2004). Risk Factors for Male Sexual Aggression on College Campuses. *Journal Of Family Violence*, 19(5), 279-289. doi:10.1023/b:jofv.0000042078.55308.4d.
- Cariço, C. N., & Paixão, R. (2010). Vinculação, Memórias de Infância e Estilos Defensivos na População Dependente de Substâncias: Estudo Comparativo e Multivariado. *Psychologica*, 2, 52, 559-584.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2012). Dynamic factors of sexual aggression: The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*. Advance online publication. 10.1177/0093854812451682.
- Carvalho, J., Quinta-Gomes, A., & Nobre, P. (2013). The Sexual Functioning Profile of a Nonforensic Sample of Individuals Reporting Sexual Aggression Against

- Women. *The Journal Of Sexual Medicine*, 10(7), 1744-1754.
doi:10.1111/jsm.12188.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2013). Five-Factor Model of Personality and Sexual Aggression. *International Journal Of Offender Therapy And Comparative Criminology*. doi:10.1177/0306624x13481941.
- Chang, E., Lin, J., Fowler, E., Yu, E., Yu, T., & Jilani, Z. et al. (2015). Sexual Assault and Depressive Symptoms in College Students: Do Psychological Needs Account for the Relationship? *Social Work*, 60(3), 211-218. doi:10.1093/sw/swv017.
- Collings, S. J., (1994). Sexual Aggression: A Discriminant Analysis of Predictors in a Non-Forensic Sample. *South African Journal of Psychology*, 24, 35-38.
- Collins, L. N., & Read, J. R. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (4), 644- 663.305- 331. Coimbra: Quarteto Editora.
- Craig, L. A., Thornton, D., Beech, A., & Browne, K. D. (2007). The relationship of statistical and psychological risk markers to sexual reconviction in child molesters. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 314-329.
- Dean, K.E. & Malamuth, N. (1997). Characteristics of Men Who Aggress Sexually and of Men Who Imagine Aggressing: Risk and Moderating Variables. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 449-455.
- Derogatis, L.R. & Melisaratos, N. (1983). The Brief Symptom Inventory: an introductory report. *Psych. Med.*, 13(3), 595-605.
- Franklin, C., Bouffard, L., & Pratt, T. (2012). Sexual Assault on the College Campus: Fraternity Affiliation, Male Peer Support, and Low Self-Control. *Criminal Justice And Behavior*, 39(11), 1457-1480. doi:10.1177/0093854812456527.
- George, W. H., & Stoner, S. A. (2000). Understanding acute alcohol effects on sexual behavior. *Annual Review of Sex Research*, 11, 92-124.

- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1992). Sexual aggression against children: A conceptual perspective of etiology. *Criminal Justice and Behavior*, 19, 8-23.
- Hanson, R.K., & Harris, A. (2000) Where should we intervene? Dynamic predictors of sexual offense recidivism. *Criminal Justice and Behaviour*, 27(1), 6–35.
- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Educational and Psychological Measurement*, 49(3), 629- 636.
- Hines, D. A. (2007) Predictors of Sexual Coercion Against Women and Men: A Multilevel, Multinational Study of University Students. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 403-422. doi: 10.1007/s10508-006-9141-4.
- Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling and Development*, 81, 462-472.
- Hudson, S., & Ward, T. (1997). Intimacy, Loneliness, and Attachment Style in Sexual Offenders. *Journal Of Interpersonal Violence*, 12(3), 323-339. doi:10.1177/088626097012003001.
- Jacques-Tiura, A. J., Abbey, A., Parkhill, M. R., & Zawacki, T. (2007). Why do some men misperceive women's sexual intentions more frequently than others do? An application of the confluence model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 1467-1480.
- Karantzas, G.C., Feeney, J. A. & Wilkinson, R.B. (2010). Does less mean more? A confirmatory factor analytic study of the attachment style questionnaire and the attachment style questionnaire—short form. *Journal of Social&Personal Relationships*, 27, 749–780.
- Koss, M., & Dinero, T. E. (1988). Predictors of Sexual Aggression Among a National Sample of Male College Students. *Annals New York Academy of Science*, 528, 133-147.

- Koss, M. P., & Dinero, T. E. (1989). Discriminant analysis of risk factors for sexual victimization among a national sample of college women. *J. Consult. Clin. Psychol.* 57, 42–250.
- Krahé, B., & Berger, A. (2013). Men and women as perpetrators and victims of sexual aggression in heterosexual and same-sex encounters: A study of first-year college students in Germany. *Aggressive Behavior*, 39(5), 391-404.
- Looman, J., Abracen, J., DiFazio, R., & Maillet, G. (2004). Alcohol and drug abuse among sexual and nonsexual offenders: Relationship to intimacy deficits and coping strategy. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 16 (3), 177–189.
- Lottes, I. L. (1992). The relationship between nontraditional gender roles and sexual coercion. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 4(4), 89-109.
- Lyn, T.S., & Burton, D.L. (2004). Adult attachment and sexual offender status. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74 (2), 150–159.
- Malamuth, N. (1986). Predictors of naturalistic sexual aggression. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 50(5), 953-962. doi:10.1037/0022-3514.50.5.953
- Malamuth, N. M., Sockloskie, R. J., Koss, M. P., & Tanaka, J. S. (1991). Characteristics of aggressors against women: Testing a model using a national sample of college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 670-681.
- Marshall, W. (1989). Intimacy, loneliness and sexual offenders. *Behaviour Research And Therapy*, 27(5), 491-504. doi:10.1016/0005-7967(89)90083-1
- Marshall, W. L., & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. *Handbook of sexual assault: Issues, theories and threatment of the ofender* (pp. 257-271). New York: Plenum.
- Marshall, W. L., Marshall, L. E., Serran, G. A., & Fernandez, Y. M. (2006). Treating sexual offenders: An integrated approach. New York, NY: Routledge.

- Martín, A.F., Vergeles, M.R., Acevedo, V.D., Sánchez, A.C., & Visa, S.L. (2005). The involvement in sexual coercive behaviors of Spanish college men: Prevalence and risk factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 20 (7), 872–891.
- Mauger, P.A., Adkinson, D.R., Zoss, S.K., Firestone, G., & Hook, D. (1980). *Interpersonal Behavioral Survey*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.
- McIntyre, T. M. (1995). Inventário de Comportamento Interpessoal ICI. In Almeida, L.S., Simoes, M.R., Goncalves, M.M. (Eds.): *Provas Psicológicas em Portugal*. P, 193-207. APPORT.
- Meyers, L. S., Gamst, G., & Guarino, A. J. (2006). *Applied multivariate research: Design and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Mikulincer, M., & Shaver, P.R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Moore, K., McCabe, M., & Stockdale, J. (1998). Factor analysis of the Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR): engagement, communication and shared friendships. *Sexual and Marital Therapy*, 13, 361-368.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- O'Sullivan, L. F., Byers, E. S., & Finkelman, L. (1998). A comparison of male and female college students' experiences of sexual coercion. *Psychology Of Women Quarterly*, 22(2), 177-195.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). *Prevenção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Íntimo Contra a Mulher: Ação e produção de evidência*. Organização Mundial da Saúde, 2012.

- Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2006). Perceptions of Sexual Coercion in Heterosexual Dating Relationships: The Role of Aggressor Gender and Tactics. *Journal Of Sex Research, 43*(1), 87-95.
- Overholser, J. C., & Beck, S. (1986). Multimethod assessment of rapists, child molesters, and three control groups on behavioural and psychological measures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 682-687.
- Palmer, R., McMahon, T., Rounsaville, B., & Ball, S. (2010). Coercive Sexual Experiences, Protective Behavioral Strategies, Alcohol Expectancies and Consumption Among Male and Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(9), 1563–1578.
- Pechorro, P., Ayala-Nunes, L., Oliveira, J.P., Nunes, C. & Gonçalves, R. (2016) Psychometric properties of the Socially Desirable Response Set-5 among incarcerated male and female juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry* (2016), <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijlp.2016.05.003>
- Schaefer, M. T., & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital and Family Therapy, 7*, 47-60. doi:10.1111/j.1752-0606.1981.tb01351.x.
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: similar behaviors, different predictors. *Archives Of Sexual Behavior, 38*(6), 974-986. doi:10.1007/s10508-009-9481-y
- Shaver, P.R., & Mikulincer, M. (2012). Adult attachment and sexuality. *The Wiley-Blackwell handbook of couples and family relationships* (pp. 159–174). New York: Wiley-Blackwell.
- Struckman-Johnson, D., & Struckman-Johnson, C. (1991). Men and women's acceptance of coercive sexual strategies varied by initiator gender and couple intimacy. *Sex Roles, 25*(11/12), 661-676.

- Tharp, A., DeGue, S., Valle, L., Brookmeyer, K., Massetti, G., & Matjasko, J. (2012). A Systematic Qualitative Review of Risk and Protective Factors for Sexual Violence Perpetration. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 133-167
- Ullman, S., Karabatsos, G., & Koss, M. (1999). Alcohol and Sexual Aggression in a National Sample of College Men. *Psychology of Women quarterly*, 23, 673-689.
- Untied, A., Orchowski, L., & Lazar, V. (2013). College Men's and Women's Respective Perceptions of Risk to Perpetrate or Experience Sexual Assault: The Role of Alcohol Use and Expectancies. *Violence Against Women*, 19(7), 903-923. doi:10.1177/1077801213498216
- Vieira, S. (2010). *Ofensores Sexuais: Das Crenças ao Estilo de Pensamento*. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.
- Ward, T. (2000) Sexual offenders' cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behavior*, 5, 491–507.
- Wegner, R., Pierce, J., & Abbey, A. (2014). Relationship Type and Sexual Precedence: Their Associations With Characteristics of Sexual Assault Perpetrators and Incidents. *Violence Against Women*, 20(11), 1360-1382. doi:10.1177/1077801214552856.
- Wheeler J. G., George W. H., & Dahl B. J. (2002). Sexually aggressive college males: empathy as a moderator in the "Confluence Model" of sexual aggression. *Pers. Individ. Dif.* 33 759–775. 10.1016/S0191-8869(01)00190-8.
- Yazici, S., Dolgun, G., Zengin, N., & Bayram, G. O. (2012). The Determination of University Students' Knowledge, Attitudes and Behaviors on the Matter of Sexual Health. *Sexuality and Disability*, 30, 1, 67-75. doi: 10.1007/s11195-011-9246-0.

Anexos

Anexo A

Consentimento informado

Centro de Investigação em Sexualidade Humana - SexLab

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Estudo para homens estudantes universitários: Factores relacionais e interacção com o sexo oposto

Este estudo tem por objetivo compreender de que forma os homens procuram, do ponto de vista sexual, interagir com o sexo oposto, bem como os fatores de ordem relacional que influenciam as diferentes formas de interação. Solicitamos a participação, voluntária, de homens estudantes universitários com idade mínima de 18 anos, e orientação heterossexual. Para participar deverá preencher os questionários disponibilizados on-line. O tempo aproximado para o preenchimento é de 30 minutos. Caso aceite responder, sugerimos-lhe que o faça num ambiente privado e que considere o tempo necessário para responder às questões. As suas respostas são anónimas e os dados serão utilizados para fins de investigação científica. As questões que lhe serão colocadas estão relacionadas com aspetos íntimos da sexualidade, pelo que, se de alguma forma se sentir incomodado, poderá desistir do estudo em qualquer momento e sem qualquer prejuízo.

Após conclusão do estudo poderá solicitar informação sobre os resultados do mesmo enviando um email para a investigadora Ana Sá (XXXXXXXXXXXXX).

Os participantes que sintam necessidade, poderão solicitar apoio gratuito ao serviço de consulta - especialidade Saúde Sexual - da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Declaração (para os participantes do estudo):

Declaro que li a informação acima citada e que aceito participar voluntariamente neste estudo. Se em qualquer momento resolver desistir, poderei fazê-lo sem qualquer problema ou prejuízo para mim, e nenhuns dos meus dados ficarão registados.

Muito obrigada pela sua participação e divulgação do estudo.

As investigadoras:

- Ana Sá, mestranda FPCEUP

- Joana Carvalho PhD – FPCEUP

Anexo B

Questionário Sociodemográfico

1. Idade

Escreva aqui a sua resposta:

2. Sexo

Escolha apenas uma das opções seguintes:

- Feminino
- Masculino

3. Estado Civil

Escolha apenas uma das opções seguintes:

- Casado
- Solteiro
- União de Facto
- Divorciado
- Separado
- Viúvo

4. Habilitações Literárias

Escolha a que está a frequentar de momento

Escolha apenas uma das opções seguintes:

- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

_ Outro: _____

4.1 Instituição de ensino

Escreva aqui a sua resposta:

5. Problemas psiquiátricos (anteriores ou actuais) diagnosticados por médico ou psicólogo:

Escolha apenas uma das opções seguintes:

- Nenhum
- Depressão
- Doença Bipolar
- Ansiedade
- Perturbação Obsessivo-Compulsiva
- Esquizofrenia (ou outra doença psicótica)
- Anorexia
- Bulimia
- Hiperactividade
- Jogo Patológico
- Personalidade Boderline
- Dependência de Drogas
- Alcoolismo
- Outro _____

5.1. Ano de diagnóstico do problema psiquiátrico mais recente

Escreva aqui a sua resposta:

(Por exemplo, 2001)

6. Orientação Sexual

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

(Este estudo destina-se apenas a homens com **orientação heterossexual**)

7. Número de parceiros sexuais actuais

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Nenhum

Um parceiro sexual

Dois parceiros sexuais

Múltiplos parceiros sexuais

8. Frequência de actividade sexual (qualquer prática sexual)

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Nenhuma

Raramente

1 vez por mês

2 a 3 vezes por mês

1 a 3 vezes por semana

Quase sempre

9. Idade da primeira relação sexual

Escreva aqui a sua resposta:

10. Alguma vez foi vítima de abuso sexual?

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Sim

Não

11. Consome Drogas (excepto tabaco e álcool)?

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Sim

Não

11.1. Se respondeu "Sim",

Escolha apenas uma das opções seguintes:

Todas as semanas

1 a 3 vezes por mês

1 a 3 vezes por ano

11.2. Que drogas consome?

Escreva aqui a sua resposta:
